

TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN / 1962

(Duas Semanas Noutra Cidade)

um filme de **Vincente Minnelli**

Realização: Vincente Minnelli / **Argumento:** Charles Schnee e Irwin Shaw, Segundo o romance de Irwin Shaw / **Fotografia:** Milton Krasner / **Direcção Artística:** George W. Davis e Une McCleary / **Figurinos:** Walter Plunkett / **Montagem:** Adrienne Fazan e Robert J. Kern Jr. / **Música:** David Raksin / **Intérpretes:** Kirk Douglas (Jack Andrus), Edward G. Robinson (Maurice Kruger), Cyd Charisse (Carlotta), George Hamilton (Davie Drew), Daliah Lavi (Veronica), Claire Trevor (Clara Kruger), James Gregory (Brad Byrd), Rosanna Schiaffino (Barzelli), Joana Roos (Janet Bark), George Macready (Lew Jordan), Mino Doro (Tucino), Stefan Schnabel (Zeno), Vito Scotti (assistente de realização), Tom Palmer (Dr. Cold Eyes), Erich Von Stroheim Jr (Ravinski), Leslie Uggams (cantora), etc.

Produção: John Houseman, para a MGM / **Cópia:** 35mm, colorida, com legendas eletrónicas em português, 107 minutos / **Estreia Mundial:** New York, a 17 de Agosto de 1962 / **Estreia em Portugal:** Cinemas São Luís e Alvalade, a 27 de Novembro de 1962. Apresentado pela primeira vez na Cinemateca Portuguesa, a 26 de Abril de 2007, em Carta Branca a Jorge Silva Melo: O Século Passado.

A obra de Vincente Minnelli após esse astro deslumbrante que foi **Some Came Running/Deus Sabe Quanto Amei** não teve o aplauso unânime que até então convocava (embora este se circunscrevesse principalmente aos musicais). Aliás, a recepção, à parte os minnellianos ferrenhos foi-se tornando progressivamente mais crítica, começando logo por **Home From the Hill/A Herança da Carne**, onde a estreiteza de vistas encontrava apenas o modelo das *soap-operas* que iriam fazer a fortuna das televisões. Acompanhando a mudança dos tempos (e a política dos estúdios), Minnelli abandonara praticamente o género que o celebrizara em 1958 com **Gigi**, voltando apenas com uns interlúdios musicais com a comédia **The Bells Are Ringing/A Menina dos Telefones**.

Two Weeks in Another Town, feito no mesmo ano de outro soberbo melodrama, **The Four Horsemen of the Apocalypse/Os 4 Cavaleiros do Apocalipse**, surge, de certo modo, como uma espécie de reflexão pessoal sobre esse tempo e essas mudanças. Exactamente uma década antes, Minnelli fizera algo de semelhante em **The Bad and the Beautiful/Cativos do Mal**. Ambos os filmes são uma reflexão e uma análise pouco amável do mundo do cinema americano, em duas épocas tão próximas e simultaneamente tão distintas. Em ambas as épocas outros filmes se fizeram sobre o mesmo tema, mas será difícil encontrar, no cinema americano, um olhar tão lúcido como o de Minnelli. Só na Europa, no quase contemporâneo **Le mépris/O Desprezo**, de Jean-Luc Godard, se poderá encontrar olhar tão agudo e críticas tão pertinentes como em **Two Weeks in Another Town**. O filme de Godard é um ano posterior ao de Minnelli, e a influência deste é inegável, sabendo-se, como se sabe, da admiração do suíço pelo americano. Aliás, os argumentos de ambos os

filmes têm um tema próximo: a produção complicada de um filme (que no caso de **Le Mépris** não chega a ser feito) e algo que se pode definir, tendo em conta a experiência americana, como *runaway production*, em ambos os casos localizada em Itália.

Deste modo, **The Bad and the Beautiful** e **Two Weeks in Another Town** formam um díptico perfeito na obra de Minnelli, cada um testemunhando do estado do cinema americano no seu tempo. Tem-se por hábito apontar como primeiro grande filme que tem por tema o cinema no pós-Segunda grande guerra, o filme de Billy Wilder, **Sunset Boulevard/Crepúsculo dos Deuses**. Sem querer tirar os louros à obra-prima de Wilder convém destacar que o seu filme é, antes de mais, uma revisitação do *star-system*, uma incursão algo necrófila sobre a cidade dos sonhos e dos seus ídolos. O filme de Minnelli, **The Bad and the Beautiful**, surge como a primeira reflexão moderna sobre Hollywood e os seus demiurgos produtores, com todas as intrigas e traições em que todos (produtores, realizadores, vedetas) se envolvem na luta pela glória e pelo poder. Mas ainda resta algo que parece poder salvar-se, uma certa cumplicidade e energia que permite a sobrevivência no meio da "selva". Uma década depois, o olhar é totalmente diferente. O ambiente parece o de um ninho de víboras, onde a mordedura fatal pode vir de onde menos se espera e quando menos se espera, e onde o oportunista de um dia é o intriguista do outro, para voltar a tentar insinuar-se quando as coisas mudam (a personagem, particularmente repugnante, do agente de estrelas, interpretado pelo característico "vilão" George Macready, esbofetado por Andrus/Kirk Douglas, ao começo no aeroporto, e que no final procura insinuar-se de novo junto dele). **Two Weeks...** é particularmente sugestivo pelo que expõe da produção americana nos anos 60, quando procurava mão-de-obra barata em Itália para as suas super-produções, ou melhor, como é o caso aqui descrito, de produções italianas que procuram peso no mercado recorrendo a nomes americanos, contratando realizadores e actores em declínio (o caso de Maurice Kruger/Edward G. Robinson, que tenta salvar, a qualquer custo, como se verá no fim, a sua carreira, após uma série de fiascos nos Estados Unidos): as relações entre americanos e italianos, as dificuldades de comunicação, os caprichos das vedetas e o oportunismo de produtores que impõem a sua vontade económica contra qualquer veleidade "artística". Diz-se que o argumento (e o romance de Irwin Shaw, de onde foi adaptado) se inspira, com grandes liberdades criativas, na relação entre Tyrone Power (que aqui seria Jack Andrus), Linda Christian (transformada em Carlotta/Cyd Charisse) e Darryl Zanuck (que de produtor passa, no filme, a realizador: Maurice Kruger/Edward G. Robinson). Encontramos, ao começo, Andrus saindo de uma clínica de repouso onde recuperava de depressão e alcoolismo, e recebendo um telegrama de Roma, de Kruger, que apela à sua presença para trabalhar no filme que dirige. A viagem de Andrus à Cinecittà, vai ser uma espécie de ajuste de contas com o passado, onde Andrus acaba por resolver os seus conflitos e vencer os fantasmas que o atormentam num percurso dramático, especialmente nos "golpes" finais: a traição de Kruger e a corrida alucinante com Carlotta no carro. Surge assim outro dos temas (este constante) na obra de Minnelli: a psicanálise. O momento catártico tem lugar no quarto de Kruger, onde este o despede, com o receio de se ver superado, e a corrida de Andrus pela cidade, depois da deambulação pelos bares e a orgia na mansão de Carlotta. Temos, nesta sequência, a fórmula que Minnelli aplica nos musicais: um acontecimento que desencadeia um processo onírico (a orgia na mansão é como o bailado sonhado por Gene Kelly em **An American in Paris**) que leva à catarse e libertação do conflito.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico